

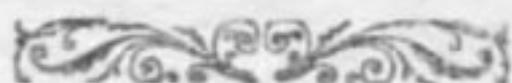
OS DEFENSORES

Innocentes de Garanhuns



LEANDRO GOMES DE BARROS

As victimas innocentes de Garanhuns



Registrou-se em Pernambuco
A scena mais triste e feia,
A medida da desgraça
Em Garanhuns ficou cheia,
Com essa carnificina
Que fiseram na cadeia.

Encheu-se o catalogo funebre
Os factos d'aquelle dia,
Admira aos proprios brutos
Aquella selvageria
Completo o livro negro
Que trata da cobardia.

Eu não faria censura
Se tivesse aquella gente
Entrado aqui no Recife
Pelo meio mais insolente,
E matasse o Villa-Nova
Matasse-o publicamente.

Mas matar-se sete homens
Sem haver nem um culpado
Dizem que foram illudidos,

Pelo proprio delegado
Que com as formas de Judas
Os tinha negociado,

De todos crimes do homem
Não ha um que tanto afete
Um crime como o de Judas
Faz nojo a quem o commete
Judas só vendeu a um
Meira Lima vendeu sete.

Quando em Garanhuns se soube
Que tinham morto o prefeito,
O delegado foi logo
Ao juiz de direito
Dizem que manifestou-lhe
O plano que tinha feito.

Mandaram logo ao Brejão
Um portador exaltado,
A viuva do prefeito
Mandou dizer ao cunhado
Que o irmão tinha sido
No Recife assassinado.

E que sem perda de tempo
Ajuntasse cangaceiro
Viesse logo disposto
Vingar Julio Brasileiro,
E não deixar dos contrarios
Nem um pinto no terreiro

O Doca irmão do prefeito
Ao receber o recado,
Ajuntou drezentos cabras
P disse encolerizado
Eega fogo Garanhuns
E meu irmão é vingado

Disse : da opposição
Não ha de ficar um vivo
Então Manoel Jardim
Borba Junior Satyro Ivo
E outros muitos se acabam,
Inda não dando motivo

As onze horas do dia
Estava Garanhuns cercado
Borba Junior em sua casa
Ja tinha sido espancado
Uma das mercadorias
Que vendeu o delegado

Tanto elles como os outros
Que foram lá illudidos
O delegado levou-os
Para serem garai do
Como os bois do matadouro,
Vão para serem abatidos.

Havia uma força alli
Mas nada ponde fazer
Dez homens para trezentos

Como os podião conter
Não abandonaram o ponto
Na serteza de morrer.

Resistiu em quanto poude
Esgotou a munição
Só abandonou o posto
Depois que cahiu no chão
Pois um homem com dez tiros
Não pode ter mais acção

Um fogo grande e renhido
Para um lugar sem defesa
Os defensores d'alli
Pelejavam na serteza
De não escapar nem um
Mas não mostraram fraqueza

Não houve um soldado alli
Que deixe de ter um louro
O governo os classifica
Como o mais rico thesouro
Exemplo do heroismo,
Um objecto de ouro.

Cabo, sargento e soldado
Tudo isso resistiu,
Só afroixaram a cadeia
Quando o ultimo cahiu
Alli não tinha mais geito,
O grupo horrendo investiu.

Porém se as serras fallassem
Se ouviria uma dizer
Soldado de Pernambuco
Sabe cumprir seu dever,
Aprendeu bem a avançar
Porém não sabe correr.

Faz galhofa do perigo
Zonba e rir-se da desgraça
Entra no fogo sorrindo
E da a vida de graça,
Na luta que um desses entra
Ou vence ou se acaba a raça.

Elle investe como um cão
Falmina que só um raio
Entra n'um fogo em Janeiro
Briga Março, Abril e Maio
Exgota o sangue do corpo
Porém não mostra desmaio.

Tanto que se em Garanhuns
Tivesse vinte soldados
Os trezentos cangaceiros
Voltavam desenterrados,
Mas o grupo só tinha dez
E nem bem municidados

Com dois Theophanes Torres
E dez soldados Cobrinha
Ainda dobrando os grupos

Dos cangaceiros que tinha
Morria alli cangaceiro
Que só gado com murrinna.

Disse o soldado Cobrinha
Eu não afroxo meu ponto
Se a vida val o dever,
Me mostro ja como prompto
Tambem se escapar d'esta
Pode dizer que desconto

Pois o soldado Cobrinha
Todo barulho enfrentou
Resistio como um heroi
Do ponto não se arredou
Cravado com cinco balas
Assim mesmo inda atirou

E disse ja se ultimando
Canalha tomem a cadeia,
Se eu durasse meia hora
Deixava a medida cheia
Vocês corriam d'aqui
Contando uma historia feia.

Dê-me vida e munição
E Deus me proteja a sorte
Garanhuns veja se arruma
Outro municipio forte
Ajunte-se a elle e venha
Veja se não leva a morte.

O sargento expressamente
Procurou o delegado
Disse-lhe acuda a cadeia
Que só tem vivo um soldado
Se não for engano meu
Ja está até baliado.

O delegado lhe disse
Que não ia se arrisscar
Porque tinha sete filhos
Que faltavam se criar
E não arriscava a vida
Para ninguem se salvar

O sargento conhessendo
Que alli havia traição
E um só para trezentos,
Não podia ter acção
Abandonou a cadeia
Com uma dor no coração

Desamparar sete homens
Victimas de um boeiro
Um segundo Calabar
E a traição brasileiro
Que vendeu a Carlos Magno
Por diminuto dinheiro

Os cabras foram a cadeia
Como onça na carniça
Embragados de raiva

Sem o temor da justiça
Como dragões infernaes
Que a malvadez os atica

Foram logo ao dr. Borbã
A sangue frio o sangraram
O coronel Algemiro
Com esse muito luctaram,
Porém o grupo era grande
No meio da lucta o mataram.

Foram a Julio de Miranda
E a Gonzaga Jardim,
Mais de trinta os investiram
Logo alli deram-lhe fim
Sangrando elles disendo
Serviço limpo é assim

Sete homens na cadeia
De uma vez foram sangrados
Foram por aquelle grupo,
Depois de mortos roubados
Para roubarem-lhe as joias
Os dedos foram cortados

O pequeno Theotônio
Um dos herois dessa historia
O homem de consciencia,
Não o risca da memoria
Dez annos de sua idade
Mostra dez annas de gloria

Estava com os mortos
Quando mataram um soldado
A carabina cahiu
Elle estava alli de um lado
Tomou-a e deu-a a seu pai
Que estava alli desarmado.

Os cangaceiros alli
Quiseram o matar tambem
Mas quando a sorte não quer
O mal recua e não vem,
Sem a hora ser chegada
Bala não mata ninguem.

Esse então é testemunha
D'aquelle triste occorrido
Viú quem matou todos sete
Porque tomou bem sentido
Ouvio os echos mais tristes
Que ainda não tinha ouvido

Aquellas feras malditas
Não se faltaram a matar
Depois do cadáver irio
Inda foram estrangular
Muito mais de meio palme
Viu-se o sangue suberbar

As viúvas soluçando
Os filhos chorando atraz
Queriam ver os cadaveres

De seus maridos e pais
Porém nem isso podiam,
Devido aos monstros voraz.

Quando o chefe de policia
Soube do desastre feito
Da traição do delegado
E do Juiz de direito
Via que Theophanes Torres
Podia alli dar um geito

E ordenou com urgencia
Fosse o domador de fera
E disse ao governador
A calma agora prospéra
E foi para a estação
Passou a noite de espera

Chegou Theophanes Torres
Não teve mãos a medi
Sercou casa prendeu uns
Outros puderam fugir
Aonde sah d' um grupo
Faz logo a seguir

Elle para cangaceiro
E muito peor que o gato
Que passa duas trez noites
De cocora esperando o rato
Elle atraz de um criminoso
Passa dez dias no mato.

Antonio Silvino era
Cangaceiro abilitado,
Rompeu quarenta e dois cercos
E não sahiu baliado,
Só foi feliz até quando
Não foi por elle cercado

A desoito de Janeiro
Nada de mais tinha havido
Quando elle soube de um grupo
Que tinha se reunido
Na fazenda do prefeito
E o chefe era um bandido.

Era o celebre Cajú
Uma fera conhessida
Que nunca foi a mandado
Que não tirasse uma vida
Um aborto da desgraga
O mestre do homicida

Mas o tenente Theophanes
Mandou um official
Disse quero o cangaceiro
Venha por bem ou por mal
Entre ao alli a elle
Uma ordem especial

O snr. siga hoje mesmo
Serque a fazenda Riacho
Se resistir faça fogo

Deixe-lhe a cabeça em faixo
Se lá fizerem trincheira,
Faça fogo e bote abaixo

Veja que não pise a lei
Observe a disciplina
Pai de soldado é o sabre,
A mãe é a carabina
Ligereza é oração
Vexame é mestre que ensina.

Foi o alferes Eulino
Levou quatorze soldados
Foram todos prevenidos
E muitos recommendados,
Mais quando não esperavam
Foram todos atacados

Antes de chegarem lá
A força foi emboscada
Trovejou balla trez horas
Fusilaria serrada
Mas o alferes disia
Força no dedo negrada.

O cangaceiro Cajú
Gritou a força ea la vou
Vocês podem me matarem
Porém eu mostro quem sou
Este cangaceiro velho
Faz o que o mestre encinou

O alferes como cobra
Que com cachorro se assanha
Gritou espera mulato
Tu ja perdes a faganha,
Hoje te mostro Cajú
Como te quebro a castanha

Respondeu-lhe o cangaceiro
Senhor alferes Eulino
Todo vulto quanto eu vejo
Me pairesse pequenino
Enfrento gigante enorme,
Pençando que é menino

E se vossa senhoria
Pretende d'esta escapar
Ajunte seus soldadinhos
Não faça se demorar
Com a metade da força
Talvez não possa voltar

Então tirando a camisa
Ficou alli quasi nú
Fazia voltas no corpo
Como uma surra
Foi tal que o alferes disse
Briga b... o Cajú

Uma hora e dez minutos
Sustentaram o tiroteio
Alli o alferes disse

Cajú está fazendo feio
Baixou-lhe uma carabina,
Torou-o de meio a meio.

Cajú antes de morrer
Ainda disse uma cousa
N'essa gente de Theophanes
Tem onça, gato e rapôsa
Rompêr foge d'esta forma
Só filho de mariposa

Emboscam mais do que onça
Marcam bote que só gato
Qualquer um soldado d'esses
E' capaz de pegar rato
Um d'elles inda aleijando
Pega viado no matto.

Villa Nova na prisão

Quem foi que trouxe-me aqui
N'esta prisão ascaia
Esta tortura amargosa
Quem foi que fez eu passar,
Foi minha sorte mesquinha
Que zombou do meu futuro
Lançou-me aqui n'este escuro,
Para n'elle me acabar

Meu Deus, meu Deus que destino
Foi este que tú me d'este?
Dizei-me porque quisestes
Levar-me ao nível do pô?
As angustias mais crueis,
Por sobre mim estão passando
O mundo de mim zombando
E eu coberto de dó.

Mas não tem nada é a sorte
Que persegue o desgraçado,
Foi risonho o meu passado
Triste e negro meu futuro
Nunca mais serei ninguém
Perante a sociedade
Fui nascido em claridade
Para morrer no escuro.

Mas as torturas do carcere
Separação da familia
Inda não me reconcila
Nem faz eu me arrepender
Nasci na sociedade
Nunca confessei deshonra
Desafrotei minha honra
Estou pronto, posso morrer

Se já nasci para o carcere
N'elle um dia hei de morrer
Hei de cumprir o dever
Que manda a tyranna sorte,
Eu vim em expiação

Tive existencia perdida
Ja luctei muito na vida
Irei descansar na morte

Meus inimigos me vendo
De ferros tão carregado,
Dirão este desgraçado
Nunca mais tem esperança
Porém o homem de senço
Durá esta creatura
Hoje sofre esta amargura
Porém fez bom na vingança

Mens filhos podem dizerem
Somos filhos de homem pobre
Mas de sentimento nobre
Carater crystallizado
Niguem pisou-lhe o pescoço
Nem derribou-lhe o chapéo
Foi a cadeira de réo,
Mas não ficou desfeitiado.

FIM

6080

Atenção

Previno que todas as obras
que não tiver o meu nome não
são de minha lavra.

Neandro Gomes de Barros

Rua do Motocolombo n. 28

RECIFE

Typ. Mendes

Rua das Laranjeiras n. 15

RECIFE

(120)